

OS CRIMES DE LÁZARO

Caso Lázaro pode fazer parte de esquema maior

População das regiões em que o assassino esteve ainda vive com medo de novos acontecimentos. Julgamento de fazendeiro acusado de ajudá-lo a se esconder se aproxima

» DARCIANNE DIOGO
» SAMARA SCHWINGEL

Passados mais de três meses do assassinato brutal da família Vidal, no Incra 9, em Ceilândia, a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) ainda não concluiu o inquérito que investiga a chacina cometida por Lázaro Barbosa Sousa, 33 anos, criminoso que ficou conhecido em todo o país pela personalidade fria e o histórico sombrio de crimes violentos e aterrorizantes. O caso segue sob sigilo de Justiça. A falta de testemunhas e de imagens das câmeras de segurança na região são fatores que dificultam a investigação. Além disso, a única pessoa que teria as respostas do crime, Lázaro, foi morta em um confronto com a polícia.

Na madrugada de 9 de junho, os empresários Cláudio Vidal de Oliveira, 48, Cleonice Marques, 43, e os filhos do casal, Gustavo Marques Vidal, 21, e Carlos Eduardo Marques Vidal, 15, foram surpreendidos em casa por Lázaro Barbosa. Com arma de fogo e uma faca, ele rendeu a família, matou o pai, os dois filhos e sequestrou Cleonice. Pela falta de elementos, a polícia não sabe dizer se o criminoso agiu ou não sozinho. “Não descartamos nenhuma hipótese”, afirmou o delegado-chefe da 24ª Delegacia de Polícia (Setor O), Raphael Seixas, que cuida do caso.

Após o desaparecimento de Cleonice, familiares e moradores montaram grupos de buscas, até que encontraram o corpo da empresária quatro dias depois do assassinato, de bruços, sem roupas e jogado em um córrego no Sol Nascente, a cerca de 8km de distância de onde ela morava. Um laudo do Instituto de Medicina Legal (IML)

Ed Alves/CB/D.A Press.



Pessoas vão à escola para tirar foto de local que abrigou os policiais durante buscas

comprovou que a vítima teve a orelha cortada e foi estuprada.

A revolta e a dor foram indescritíveis para a família Vidal. Proprietários de uma floricultura, Cleonice, Cláudio e os filhos trabalhavam juntos para manter o negócio e eram apaixonados pelo que faziam. Agora, os parentes tentam lidar com a saudade e buscam seguir a rotina do dia a dia. O **Correio** entrevistou o sobrinho de Cláudio, que hoje toma de conta da empresa (**leia abaixo**).

Hipóteses

Ao longo das investigações, surgiram suposições do que poderia ter motivado o assassinato da família Vidal. Entre elas, o fato de Lázaro Barbosa ter sido contratado como matador de aluguel por fazendeiros ou de pertencer a uma organização criminosa especializada em grilagem de terras. Essas hipóteses, no entanto, não são as principais li-

nhas de investigação da polícia.

Dias antes da chacina, houve um assalto em uma chácara próxima à casa da família Vidal. O **Correio** apurou que o filho mais velho de Cleonice teria dito que, se fosse na residência dele, “iria reagir”. A polícia acredita que Lázaro tenha entrado no imóvel para roubar, como fez em outras ocasiões, e, ao ver que as vítimas reagiram, os esfaqueou. O mais velho foi o único que levou um tiro no peito.

Antes de cometer o triplo homicídio, Lázaro violou sexualmente outra mulher. A vítima de 39 anos, estava em casa, no Sol Nascente, com o marido e o filho quando, por volta das 2h, o criminoso invadiu o local. Ele rendeu e prendeu os homens em um quarto e roubou os celulares de todos. Depois, levou a mulher a uma área de mata fechada, onde a estuprou. A Delegacia Especial de Atendimento à Mulher 2 (Deam 2) ficou responsável pelo caso.

“Ele agiu do mesmo jeito (nos crimes). Ele estava armado e abusou da vítima com graves ameaças e violências”, disse a delegada-chefe da unidade, Adriana Romana. Segundo ela, uma das provas que a equipe tem confirma a autoria do crime. “A evidência foi confirmada no mesmo dia em que ocorreu a chacina no Incra 9”, completa.

Sem se intimidar com a mobilização dos policiais, Lázaro invadiu outra chácara um dia depois do assassinato da família Vidal. A proprietária e o caseiro ficaram reféns do criminoso por cerca de cinco horas. Em fuga para o município de Cocalzinho de Goiás, Lázaro cometeu uma série de crimes sem interrupção: baleou pessoas, inclusive um policial, roubou carro, ateou fogo em casa, trocou tiros com caseiro, etc.

Só em Goiás, há 13 inquéritos em nome de Lázaro. Nove deles foram remetidos para arquivamento, uma vez que a autoria foi identificada, mas em razão da morte do indiciado, ficam extintos a punibilidade e o arquivamento. Um dos inquéritos indiciou a mulher atual, a ex-mulher e a ex-sogra de Lázaro por favorecimento pessoal, quando determinada pessoa assegura a fuga de um criminoso.

Em um outro IP, a polícia também indiciou o fazendeiro Elmi Caetano Evangelista, 73, e o caseiro dele, Abel Cunha, por favorecimento pessoal e posse ilegal de arma de fogo. Contra o caseiro, a Justiça considerou que não havia provas suficientes para incriminá-lo e ele foi absolvido. Já Elmi foi preso em 24 de junho, mas foi solto do presídio de Águas Lindas em 16 de julho, com o uso de tornozeleira eletrônica.

Vida que segue

Três meses após o assassinato da família Vidal no Incra 9, em Ceilândia, os parentes das vítimas tentam seguir com a rotina do dia a dia. Aqueles que moravam no local onde ocorreu o crime, mudaram de residência. A intenção da família era vender o viveiro que pertencia a Cláudio Vidal, uma das vítimas de Lázaro. Porém, o sobrinho de Cláudio, Ricardo Alexandre Vidal, 43 anos, comprou o negócio e, agora, toma conta do local. “Abri um mês e quinze dias depois do caso. Infelizmente, ainda estamos muito traumatizados, mas sabemos que a vida tem que seguir. Nós temos uma base de muita força espiritual e psicológica”, comenta.

Ricardo explica que era muito ligado a Cláudio e que isso pesou na decisão de não deixar o viveiro ser vendido para alguém de fora da família. “Eu tinha noção de como era a atividade deles no trabalho. Reuni alguns parentes e fiz uma proposta para me deixarem assumir os negócios e não deixar acabar a história do Cláudio e da Cleonice”, completa. Como forma de homenagear os tios, Ricardo instalou uma faixa na entrada do viveiro com a frase ‘Deus, guarde minha família’. Segundo ele, a casa onde ocorreu o crime segue de pé, mesmo sem nenhum morador. “A decisão de derrubar ou mantê-la em pé não é minha. Estou aqui para apoiar a família no que for preciso”, conta. Em relação ao medo de que algo parecido aconteça novamente, Ricardo afirma que está preparado para se proteger. Ele conta que a família, em ge-

ral, espera que os julgamentos e processos legais corram e tragam respostas. “Não queríamos que esse rapaz (Lázaro) tivesse sido morto, mas aconteceu. Agora, queremos que os envolvidos sejam presos e respondam legalmente”, diz. Ricardo afirma que os familiares acreditam que Lázaro teve ajuda nos crimes que cometeu. “Ele não teria condições de fazer tudo sozinho, a mata daqui é muito densa. Deve ter tido ajuda. Não vamos dar nomes e acusar porque isso é complicado, estamos na mão da Justiça”, explica.

Justiça

O advogado da família Vidal, Fábio Alves, informa que as investigações ainda estão em curso no DF. De acordo com o contato que tem com os parentes das vítimas, ele confirma que há uma cobrança pela conclusão do inquérito. “Protocolamos junto à Polícia Civil do DF um pedido para que algumas pessoas fossem ouvidas. A família acredita fielmente que há mais envolvidos e que Lázaro era apenas a ponta de algo maior”, comenta. O advogado afirma que alguns já foram ouvidos pelo delegado responsável pelo caso. Em relação às prisões realizadas em Goiás e que teriam ligação com Lázaro, Fábio alega que os presos não têm relação com o assassinato da família Vidal. “Estão ligados com outros crimes do indivíduo”, completa.

O advogado de Elmi Caetano —fazendeiro acusado de ajudar Lázaro durante a fuga—, Abel Cunha, informa que, como a au-

Ed Alves/CB/D.A Press.



Francisca Silva, comerciante, conta que a população ainda sente medo

diência de Elmi se aproxima, ele não pode dar entrevista e falar publicamente sobre o assunto. A mãe de Lázaro, Eva Maria, morava em Cocalzinho de Goiás, mas, enquanto o homem era procurado pela polícia, mudou-se para a Bahia. O **Correio** tentou contato com ela, mas não obteve respostas. A tia de Lázaro Amélia Maria de Sousa, 48, comenta que mantém contato com Eva. “Não estamos bem, mas estamos seguindo com a vida. Estamos arrasadas sem saber o que aconteceu com ele e o motivo de ele ter feito tudo o que fez. Ele era a única pessoa que podia responder isso e foi

morto”, diz Amélia, que ainda mora em Águas Lindas de Goiás.

Volta ao normal

As cidades goianas por onde Lázaro passou durante a fuga de 20 dias carregam marcas do caso. Em Edilândia, apesar de a movimentação ter voltado ao normal, os moradores ainda comentam sobre a passagem do fugitivo no local. Francisca Silva, 55 anos, é dona de um restaurante local e mora próxima ao posto de gasolina onde as forças de segurança estabeleceram a primeira base de operações. Segundo ela, o medo

momentâneo passou, mas há uma desconfiança de que algo parecido volte a acontecer. “Sempre que chega alguém novo na cidade, nós ficamos de olho até conhecermos a pessoa melhor. Para sabermos se é pessoa boa, de onde vem, essas coisas. Vai que é um novo Lázaro”, afirma.

Francisca conta que conhece a família que foi feita refém pelo fugitivo. “Eles estão com muito medo e querem sair da cidade. Mesmo assim, já voltaram a circular por aqui”, completa. Ana Paula Souza, 24, é moradora de Girassol e lembra que tinha medo de Lázaro invadir a casa ou chácara de al-

gum conhecido. “Depois que ele foi capturado, aos poucos, as pessoas perderam o medo de sair de casa e voltaram a circular normalmente na cidade”, diz. Para ela, o retorno da rotina não faz com que o caso seja esquecido. “Algumas pessoas passam pela cidade e param na escola que abrigou os policiais durante as buscas para tirar foto. Ouvimos comentários e especulações sobre o que teria motivado o Lázaro a cometer os crimes”, afirma. Além disso, Ana Paula e os moradores da região torcem para que não haja um caso parecido tão cedo. “A cidade é calma e gostamos disso”, finaliza.